

# Mídia e Jornalismo em Angola: uma radiografia

## Los medios de comunicación y periodismo en Angola: una radiografia

Beatriz BECKER<sup>1</sup>

Albino CARLOS<sup>2</sup>

**Resumo:** A mídia angolana funciona como campo de exclusões simbólicas e socioeconômicas, mas também se posiciona como expressão da memória e como espaço de ressignificação da experiência coletiva e de legitimação da *angolanidade*. A partir da sistematização dos resultados alcançados na primeira Tese de Doutorado sobre Jornalismo em Angola realizada no Brasil na área da Comunicação, o artigo propõe uma reflexão crítica sobre o papel político e cultural da imprensa naquele País, refletindo sobre a sua história e buscando superar concepções simplificadas do fluxo discursivo midiático no mundo globalizado.

**Palavras-chave:** Mídia; Pesquisas em jornalismo; Angola; História da Imprensa; Angolanidade.

### Mass Media y Periodismo en Angola: una radiografia

**Resumen:** Los medios de comunicación angoleños trabajan como campo de exclusiones simbólicas y socioeconómicas, pero también se posicionan como una expresión de la memoria y un espacio de ressignificación de La

1 Professora Associada do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGCOM/ ECO-UFRJ) e bolsista de produtividade do CNPQ. E-mail: beatrixbecker@uol.com.br

2 Professor da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Agostinho Neto (Angola) com Doutorado realizado no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGCOM/ ECO-UFRJ). E-mail: albinocarlos@yahoo.com

experiencia colectiva y de legitimación de la *angolanidade*. De la sistematización de los resultados obtenidos en la primera tesis doctoral sobre periodismo en Angola realizada en Brasil en el área de la comunicación, el artículo propone una reflexión crítica sobre el papel político y cultural de la prensa en este país, reflexionando sobre su historia y tratando de superar las concepciones simplificadas del flujo dos discursos mediáticos en el mundo globalizado.

**Palabras clave:** Investigación en periodismo; Angola; Historia de la prensa; Angolanidade.

### Introdução

As pesquisas em Jornalismo tornam-se cada vez mais consistentes no Brasil e em diferentes países e continentes (LÖFFELHOLZ; WEAVER, 2009; MELO, 2007), mas enfrentam o desafio de estabelecer tanto referências teórico-metodológicas próprias ao campo quanto diálogos com outras áreas de saber que tomam o jornalismo como objeto de estudo. Assim, buscam contribuir para a compreensão dos impactos e das complexas reconfigurações das mediações jornalísticas na atualidade e podem atribuir outros sentidos a fenômenos culturais inscritos nos textos midiáticos. E como o jornalismo global contemporâneo é caracterizado não apenas pela crescente homogeneização das estruturas e dos padrões de produção, mas também pela diferenciação evidente da representação da cultura jornalística nas diversas sociedades, revela-se a importância de desenvolvimento de estudos que não estejam restritos a fronteiras nacionais ou culturais, uma vez que o jornalismo afeta o conteúdo de toda a mídia e o modo de perceber a vida em diferentes partes do mundo (BECKER, 2011; 2013).

Segundo Hohlfeldt (2009), a história da imprensa e do Jornalismo dos países africanos de expressão portuguesa ainda está por ser escrita, pelo menos no Brasil e em Angola. De fato, quando inserimos na Busca do Banco de Teses da CAPES (<<http://bancodeteses.capes.gov.br/>>) a palavra-chave “Angola”, encontramos entre os 138 registros de pesquisas desenvolvidas em Programas de Pós-Graduação no Brasil nos últimos quatro anos apenas três pesquisas de Mestrado que propõem reflexões relacionadas à imprensa em Angola, em períodos específicos, nas áreas de História, Letras e Ciências Jurídicas. Porém, são disponibilizados apenas dois registros na área da Comunicação<sup>3</sup> e não há nenhuma Tese de

3 A dissertação de mestrado de Ricardo Nicolay de Souza é uma investigação sobre a história do fado, orientada pela professora Sonia Virginia Moreira, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Doutorado disponibilizada sobre a Mídia e o Jornalismo angolanos. Em Angola também há poucos trabalhos acadêmicos porque não existem ainda cursos de Mestrado e de Doutorado. Os mecanismos pedagógicos e metodológicos institucionais estabelecidos que estimulem a pesquisa e o debate de ideias são escassos. E não existe uma efetiva regulação das práticas jornalísticas, até porque a primeira Lei de Imprensa só foi publicada em 1991 e o Conselho Nacional da Comunicação Social ainda está subordinado à lógica político-partidária.

Neste cenário, buscando escapar de uma perspectiva etnocêntrica e/ou paternalista para refletir sobre um território físico e simbólico relativamente desconhecido nas pesquisas em jornalismo no Brasil e em Angola, enfrentamos o desafio de escrever uma história da imprensa angolana, refletindo sobre o papel político e cultural da mídia e do jornalismo naquele País<sup>4</sup>. Trilhar esse percurso nos leva, certamente, a algumas incertezas. Nem sempre conseguimos descentrar nosso próprio olhar sobre o objeto de estudo para enxergar o Outro lado, a Outra cultura, a Outra opinião, o Outro jeito de falar e entender até mesmo a língua portuguesa. Nossa escrita é uma forma de mediação porque não é apenas uma tradução, e inclui tanto significado quanto valor (SILVERTONE, 2005). Além disso, seria imprudente acreditar que esta iniciativa poderia dar conta, plenamente, dessa lacuna de conhecimento; e, possivelmente, alguns aspectos e episódios dessa história tendem a ficar abertos. Afinal, os pesquisadores ocupam simultaneamente o papel de atores e espectadores na produção do conhecimento, um processo social que envolve determinados pontos de vista sobre a História, a Política e a sociedade, e implica uma visão ideológica e um posicionamento ético e político sobre a realidade (PRIGOGINE; STENGERS 1991; MEDITSH, 1992).

Para Rodrigo Alsina (2009), os jornalistas são intérpretes do acontecer social, mas interpretam os aconte-

(UERJ), em 2012, na qual Angola é referida como uma das colônias do Império Português que contribuiu para o início do processo de sua disseminação pelo mundo. E a dissertação de Carem Cristini Nobre de Abreu, orientada pelo professor Jose Marcio Pinto de Moura Barros, na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG), no mesmo ano, apresenta um estudo sobre o processo de midiaticização de uma manifestação de cultura de raiz conhecida como capoeira angolana, que aponta para uma singular estratégia comunicativa de atualização das tradições.

4 Este artigo reúne dados e reflexões relevantes discutidos em Tese de Doutorado sobre essa temática realizada pela primeira vez no Brasil. A pesquisa, intitulada «Radiografia do jornalismo angolano: estudo da cobertura midiática da visita do Papa Bento XVI a Angola», desenvolvida ao longo de mais de três anos, já foi concluída e aprovada no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGCOM- UFRJ).

tecimentos com base em algumas limitações pessoais, referentes à sua ideologia e ao seu conhecimento, e também profissionais, relacionadas ao meio de comunicação para o qual trabalham, sob determinados interesses financeiros e políticos. Muitas informações jornalísticas são enunciadas como verdades dos fatos. São criadas a partir de determinadas perspectivas que atribuem valores e sentidos aos acontecimentos, às identidades e ao diferente. E para os jornalistas nem sempre é fácil construir uma alteridade isenta de conotações negativas porque o Outro se constrói como se fosse um ser incompleto ou deficiente, com marcas de preconceitos e de estereótipo (frente a um Nós normal), em função de materiais significativos que os contextos culturais põem ao seu alcance e de suas próprias interpretações. Esses preconceitos e estereótipos, para além de serem ideias preconcebidas e parciais, constroem a superioridade de um grupo sobre o outro, ou reafirmam que uma cultura é mais valiosa do que a outra. Reduzem a complexidade de realidades às quais temos pouca informação ao classificarem os fenômenos de maneira imediata, sem nos exigir uma reflexão crítica sobre essas realidades, nos levando à construção de formas de conhecimento muito precárias (*idem*), não só nas práticas jornalísticas, mas também nas pesquisas em Jornalismo.

No entanto, esses mesmos preconceitos e estereótipos, assim como o etnocentrismo, resultam em algum entendimento da diversidade e não deixam de ser também uma maneira de dar sentidos a um mundo cada vez mais intercultural. Sob essa perspectiva, os ensinamentos de Bakhtin (2002, p.181-4) e de Stam (1992), de que a polifonia discursiva implica um confronto entre discursos sociais mais amplos que exprimem as contradições de uma época e de que o conhecimento se dá por meio da alteridade na troca de experiências, visões e sensibilidades, também nos servem de inspiração. Compreendemos que os discursos da imprensa são mais do que relatos, pois criam instruções, expectativas ou enquadramentos em torno dos quais os outros devem se orientar e organizar seus modos de atribuir sentidos à realidade, porém não deixam de ser uma forma de conhecer diferentes realidades, de socializar informações, de estimular a formação de culturas políticas, e de servir como instrumentos de ampliação ou restrição do interesse público. Assim, amparados por contribuições das Teorias do Jornalismo, dos Estudos Culturais e da Análise do Discurso, justificamos a relevância deste artigo, refletindo sobre a história da imprensa angolana e seus atuais desafios e perspectivas associados às pesquisas em jornalismo. Buscamos ainda partilhar conhecimentos que nos ajudam a

entender melhor a importância da internacionalização das pesquisas tanto para uma compreensão mais ampla dos processos de comunicação quanto para a formação de novos pesquisadores que assumem o desafio de dar os primeiros passos nas pesquisas em Jornalismo em seus países de origem, colaborando para práticas jornalísticas mais democráticas. O principal objetivo deste artigo é, portanto, contribuir para a superação de concepções simplificadas do fluxo discursivo da comunicação e permitir uma percepção mais ampla do papel político e cultural da mídia em Angola. Afinal, o continente africano raramente ocupa a agenda mundial; e a mídia angolana, por sua vez, ainda funciona como expressão da memória e de exclusões simbólicas e socioeconômicas. Mas a imprensa em Angola também se posiciona como espaço de ressignificação e de construção da experiência coletiva e de legitimação da *angolanidade*, promovendo uma consciência histórica do País e colaborando para o seu desenvolvimento.

### Local x Global

A globalização dilui fronteiras físicas e simbólicas e tende a homogeneizar as diferentes culturas na contemporaneidade. No entanto, observam-se movimentos contrários à uniformização da percepção da realidade socioeconômica do mundo global, direcionados ao fortalecimento e à busca de reconhecimento de experiências identitárias não hegemônicas tecidas por outras redes e dinâmicas socioculturais. Se a mídia reforça determinados valores e padrões discursivos em suas enunciações, também contribui para a construção de conhecimentos sobre fenômenos culturais singulares e para a visibilidade de reivindicações e aspirações de cidadãos de diferentes partes do mundo na atualidade. Esses processos de comunicação estão inscritos tanto nas práticas midiáticas tradicionais quanto em novas formas de apropriação de tecnologias digitais por parte de distintas comunidades que tendem a quebrar determinados contratos de leitura com os meios, reafirmando sentidos de cidadania (HACHTEN; SCOTTON, 2012; BECKER, 2001).

Revela-se uma tendência dos discursos midiáticos exercerem de maneira cada vez mais expressiva a mediação da experiência cotidiana e gerarem consensos sociais em um mundo marcado por um elevado grau de pluralismo e por um processo de desmistificação das tradições e dos costumes (MARTIN-BARBERO, 2003; SILVA, 1997; FALABELA, 2003). Assim, se a mídia e o jornalismo configuram modos de ver o mundo e direcionam determinadas maneiras de perceber realidades locais

e globais, ao mesmo tempo, promovem a identificação de indivíduos como uma Nação - um conceito abstrato, ou imaginado, articulando vínculos entre os cidadãos e atribuindo significações às identidades nacionais por meio das quais os indivíduos se reconhecem e interagem, construindo modos de narrar a vida social constituídos por imagens, metáforas, discursos e representações (ANDERSON, 1885; 2008; HALL, 1999; 2003).

Nesses processos de comunicação, os meios atuam como defensores das identidades nacionais por meio de suas enunciações, ainda que não seja possível identificar a devida diversidade étnica e cultural (MESQUITA, 2004; MATA, 2001). De fato, o continente africano raramente ocupa a agenda mundial e suas representações da experiência cotidiana ainda são quase exclusivamente associadas à guerra e à violência, à falta de democracia e à catástrofe. Os jornalistas ocidentais revelam desconhecimento de diversas realidades e contradições históricas da África, além de saudosismos e preconceitos (CARLOS, 2003-04). Na maior parte das notícias são oferecidas informações parciais e pouco contextualizadas sobre os acontecimentos porque os critérios de noticiabilidade reforçam o etnocentrismo de países mais ricos ao enfatizarem o paradigma da cultura ocidental (MATTELART, 1997). As maneiras como são atribuídos sentidos aos países africanos colaboram para a manutenção e a percepção das condições de pobreza de suas populações. Assim, os povos africanos são condicionados a perceberem a si mesmos no contexto internacional exatamente da maneira como são vistos e representados porque as imagens que têm uns dos outros são parcialmente determinadas pelos fluxos mundiais de informação. Por outro lado, a não representação e a invisibilidade de países periféricos no ambiente midiático global, também não colabora para uma transformação de suas realidades socioeconômicas e culturais capaz de contribuir para a qualidade de vida da maioria das pessoas que habitam esses territórios físicos e simbólicos. Os meios de comunicação não deixam de incorporar manifestações populares que põem em circulação contradiscursos que lhes permitem formular outras interpretações de suas identidades (MARTIN-BARBERO; REY, 2001). Assim, as tensões geradas pela coexistência no ambiente midiático da ampla difusão de produtos midiáticos dos países desenvolvidos com movimentos estéticos criativos que enfrentam o desafio político de reafirmar as identidades nacionais africanas no contexto da globalização, têm gerado culturas híbridas e poderes oblíquos (GARCIA CANCLINI, 1998) que também intervêm nas práticas jornalísticas.

Desse modo, como uma “Nação imaginada”<sup>5</sup>, os discursos jornalísticos angolanos têm incorporado representações da vida socioeconômica e cultural também sustentadas em hábitos e costumes da população e em códigos e convenções sociais locais. Desde o final do século XIX, a imprensa tem construído a idealização de um país livre e independente, constituído nas páginas dos jornais como espaço de contestação política, de resistência cultural e de formação de uma consciência coletiva angolana. Esse modo de narrar o País reúne manifestações literárias e informativas que despertam o interesse da população pelo resgate de suas raízes culturais, pela preservação de sua história e pela unidade nacional. Assim, a realidade cotidiana de Angola tem sido inscrita no imaginário social através dos discursos jornalísticos.

Ao discorrerem sobre história e cultura, línguas nacionais, hábitos e costumes; ao manifestarem o sentimento de revolta contra a ocupação colonial; ao denunciarem a discriminação e a violência contra as populações indefesas; ao promoverem espaços de debate político através das páginas de periódicos como *O Pharol do Povo*, *O futuro de Angola*, *A civilização da África portuguesa*, *A Aurora*, *O Desastre*, *O Tomate* e *O Arauto africano*, intelectuais e jornalistas têm contribuído para a conscientização política e cultural dos angolanos. Buscam construir e promover referências da *angolanidade*, compreendida como “a verdadeira categoria substantiva que traduz a experiência histórica deste sujeito coletivo que são os angolanos” (KANDJIMBO, 1997, p. 17). No entanto, os processos de construção das identidades angolanas, assim como os da África, estão em contínua formação (APPIAH, 1996, 1997), porque não há um modelo final a ser alcançado determinado por experiências históricas comuns e pelas mesmas práticas partilhadas entre os diferentes grupos étnicos e sociais.

Hoje, há uma discrepância entre a riqueza cultural dos angolanos e as suas condições socioeconômicas. Segundo o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), Angola é o 149º país mais desenvolvido do mundo num universo de 187 Estados<sup>6</sup>. O IDH mede o nível de desenvolvimento de um país através de variáveis como o rendimento *per capita* e as condições de saúde e educação. Nos últimos cinco anos, Angola teve um rápido crescimento, especialmente em função do aumento da

produção petrolífera e da comercialização do gás e do diamante, entre outros recursos naturais, mas enfrenta os desafios de oferecer qualidade de vida à sua população e de aperfeiçoar as instituições democráticas do País.

A maior parte dos investimentos midiáticos concentra-se na capital, Luanda. Angola tem duas estações televisivas, a Televisão Pública de Angola e A Tv Zimbo (privada). Estão instaladas no País 13 estações de rádio e três pertencem ao Estado- a Rádio Nacional de Angola, com emissores regionais em todas as províncias; a Rádio N’GolaYeto, uma estação em línguas nacionais com difusão para todo território angolano e a Rádio 5, uma estação desportiva transmitida para as distintas regiões do País. As outras oito estações radiofônicas são de capital privado - Rádio Mais (em Luanda, Benguela, Huambo e Huíla), Rádio Morena (Benguela), Rádio Eclésia (emissora da Igreja católica, em Luanda), Rádio Despertar (emissora do principal partido da oposição, em Luanda), Rádio LAC (Luanda), Rádio Kairós (emissora da Igreja Metodista, em Luanda) Rádio Comercial de Cabinda (Cabinda) e Rádio 2000 (Huíla).

O *Jornal de Angola* é o único impresso diário sobre acontecimentos do mundo e do País e o de maior tiragem nacional, com 25 mil exemplares publicados por dia, enquanto o jornal sul-africano de maior tiragem, o *Daily Sun*, vende 400 mil exemplares diários, um índice de circulação maior do que o do jornal *Folha de S. Paulo*, o impresso de maior tiragem do Brasil, com uma distribuição nacional média de 301.299 exemplares<sup>7</sup>. Em Angola também é distribuído outros títulos impressos de propriedade do Estado: um jornal diário nacional dedicado exclusivamente às atividades desportivas chamado o *Jornal de Desporto*, um jornal quinzenário de artes e cultura, o *Jornal Cultura*, e ainda o semanário *Economia e Finanças*, todos com uma tiragem de 5 mil exemplares por dia.

O setor privado investe sobretudo em semanários. Treze títulos se destacam, porém com tiragens pouco expressivas. São eles: *Agora* (2 mil exemplares), *Semanário Angolense* (3 mil exemplares), *A Capital* (2 mil exemplares), *Expansão* (2 mil exemplares), *Continente* (5 mil exemplares), *Factual* (mil exemplares), *Folha 8* (3 mil exemplares), *Novo Jornal* (5 mil exemplares), *O Independente* (mil exemplares), *O País* (5 mil exemplares), *Sol* (3 mil exemplares), *Gazeta* (2 mil exemplares), *República*, (2 mil exemplares). Além dos tabloides semanais, também circulam em Angola algumas revistas mantidas por sociedades e empresas privadas. *Africa 21*, *Caras*, *Lux*, *Figuras* e *Negócio e Talento* são alguns exemplos.

5 Nação imaginada no sentido de “Comunidades imaginadas” na concepção de Benedict Anderson (2008), segundo a qual, uma nação é uma comunidade construída socialmente, especialmente pelos meios, sendo imaginada pelas pessoas que percebem a si mesmas como parte desse grupo.

6 Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/infograficos/2014/07/22/brasil-fica-em-79-no-ranking-mundial-de-idh-veja-resultado-de-todos-os-paises.htm>>. Acesso em: 01 ago. 2014.

7 Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/institucional/circulacao.shtml>>. Acesso em: 2 ago. 2014.

O *Jornal de Angola*, os impressos temáticos, os semanários tabloides e diversas revistas disputam o interesse dos leitores. No entanto, o Estado tem o maior número de veículos de informação, o que não colabora para a diversidade informativa. Os partidos da oposição e ativistas políticos e sociais exigem maior pluralismo, abertura política e transmissões ao vivo das sessões do parlamento. Os jornalistas queixam-se da falta de regulamentação da Lei de Imprensa e reivindicam livre acesso às fontes de informação pública, assim como a melhoria das condições de trabalho.

### Uma história da imprensa angolana

A história da imprensa em Angola está diretamente relacionada com o desenvolvimento econômico e social do País. Mas o jornalismo só passa a incorporar e promover a *angolanidade* de maneira expressiva a partir do processo da independência nacional, em 11 de novembro de 1975, ainda que o primeiro *Boletim Oficial do Governo-geral da Província de Angola* tenha sido publicado em 13 de setembro de 1845, como resultado da determinação de Portugal de publicar boletins oficiais nas colônias portuguesas (ERVEDOSA, 1979). Segundo Lopo (1964), esta publicação marcou o primeiro dos três períodos do Jornalismo em Angola, nomeado pelo pesquisador de “Primeiros passos”. Essa fase é caracterizada pela existência de apenas uma publicação institucional, embrião de um futuro jornal a serviço de interesses econômicos e ideológicos do poder colonial. O início do segundo período foi marcado pelo lançamento do semanário *A civilização da África Portuguesa*, em 4 de Setembro de 1866, e é nomeado pelo pesquisador de “Imprensa livre” porque nessa fase surgiram as primeiras publicações independentes, reunindo escritos de intelectuais angolanos preocupados com a afirmação de valores ligados à natividade. O desenvolvimento do terceiro período da história da imprensa em Angola, “Jornalismo industrial e profissional”, é caracterizado pela publicação de outro jornal, em 16 de Agosto de 1923: *A província de Angola*. Esta etapa foi pautada pelo profissionalismo e pela forma industrial como o jornalismo começou a ser praticado em Angola, resultado das transformações da situação política, social e econômica que a colônia vinha sofrendo, especialmente entre as décadas de 1960 e 1970, quando vários jornais diários e semanários, entre mais de 25 publicações, foram lançados (*idem*). Essa época foi reconhecida como um dos momentos de maior riqueza do jornalismo angolano. Os jornais e as revistas investiam em temas diversos: política, economia, cultura, literatu-

ra, desportos, atualidades, música, espetáculos, humor e conflitos regionais. Constatava-se também a expansão do sinal da rádio em toda a extensão do território nacional, assim como a implantação da televisão.

A partir da independência de Angola, em 1975, o poder empossado desencadeia uma ruptura com o passado recente, uma mudança política, social e, sobretudo, cultural, contrária à perspectiva folclórica e esnobe própria da estética colonial. No cenário pós-colonização as narrativas jornalísticas angolanas acolhem um pensamento anticolonial e antiportuguês, investindo na afirmação de um país renovado politicamente que procurava encontrar também na literatura outras referências. Assim, o discurso do período colonial-fascista foi substituído por uma estética nacionalista, amparada na ideologia libertária que buscava partilhar memórias históricas e sociais e coletivizar angústias e aspirações (MATA, 2007).

Quando o partido MPLA tomou o poder em Angola, em 11 de Novembro de 1975, determinou que as estações de rádio e de televisão, assim como os jornais impressos e até os filmes produzidos no País, se constituiriam como instrumentos da luta ideológica e política a favor do novo regime, embora o mesmo sustentasse que as diretrizes políticas então adotadas para os meios beneficiariam em primeiro lugar os diferentes grupos sociais que formavam a sociedade angolana. O exercício do jornalismo nesse período passa a atender a essa visão “revolucionária” dos meios de comunicação de massa, de maneira a contribuir para uma espécie de educação político-ideológica das massas populares<sup>8</sup>. Assim, os meios passaram a ser entendidos como parte de um sistema centralizado, com tarefas que deviam integrar-se à estratégia política do partido no poder. Esse dirigismo partidário fez com que a imprensa funcionasse à luz de um maniqueísmo: ideias, valores, sistemas políticos, econômicos e sociais, comportamentos, costumes e, mesmo, grupos sociais eram classificados e etiquetados simbolicamente em gavetas dualistas, identificadas com o capitalismo ou com o comunismo, o velho ou o novo, o reacionário ou o revolucionário, o antipopular ou o popular, enfim, o bem ou o mal. Assim, a imprensa de Angola se encarrega de transferir o sentido épico da vitória da luta de libertação nacional para a narração jornalística do presente e do futuro da nação, como ocorreu nas outras colônias africanas do universo da língua portuguesa. O processo de conquista da independência foi tão valorizado nas páginas dos impressos que chegou a ser transfor-

8 Revista *Estudos e Opiniões*, n. 4, 2009. Gabinete de Coordenação de Estudos do MPLA. Uma análise dos Meios de Comunicação de Massa aprovada pelo I Congresso do MPLA em Dezembro de 1977.

mado em mito; e o desenvolvimento do País foi assumido como uma marcha irreversível e predeterminada pela força da História (VASCONCELOS, 1996).

A institucionalização da democracia, em 1991, com a aprovação da nova constituição e a implementação do sistema multipartidário e da economia de mercado, o que resultou nas primeiras eleições democráticas por voto direto no ano seguinte, introduziu mudanças estruturais na sociedade angolana, que passou a experimentar até hoje um crescente processo de transformação social, cultural, político e econômico, com efeitos significativos nas práticas jornalísticas. A mídia foi um dos principais instrumentos de promoção dessa transformação, intervindo nas mudanças dos rumos políticos do País, e, ao mesmo tempo, mediando a aproximação de representações de identidades de distintos grupos sociais e culturais e enaltecendo um sentimento de pertencimento à nação angolana. Desse modo, passou a valorizar expressões culturais particulares e a legitimar grupos sociais diversos, promovendo identidades comuns para os angolanos, o que resultou na identificação da população de Angola com a sua nacionalidade, seus direitos e deveres, e serviu como estímulo para o exercício da cidadania.

Entretanto, nos últimos anos, o universo midiático angolano tem sido marcado pela degradação de padrões ético-deontológicos e técnico-profissionais, em função da inoperância dos tribunais e dos órgãos de regulação das práticas jornalísticas e também da ausência de mecanismos de proteção de direitos humanos e da dignidade e da privacidade das pessoas. Observa-se na imprensa angolana, e de maneira acentuada nas páginas dos jornais impressos e nas transmissões radiofônicas de grupos privados, acusações desrespeitosas de atos promíscuos realizados tanto pelo governo quanto pelas forças da oposição ou pela própria mídia. Muitas reportagens investem em um discurso inquisitorial, o que transforma esses veículos em autênticos tribunais populares, embora defendendo posições políticas antagônicas. Consequentemente, cresce o número de casos de jornalistas que respondem a processos na justiça, assim como aumentam os conflitos entre os profissionais da mídia e a classe política<sup>9</sup>. As práticas jornalísticas dos veículos

9 O julgamento e a condenação do jornalista Rafael Marques em 1999, por ter escrito o artigo “O bônus da ditadura”, no semanário *Agora*, em que criticava a atuação política do Presidente José Eduardo dos Santos foi o caso mais conhecido. Diversas organizações cívicas e humanitárias, especialmente as instituições ligadas ao setor da Comunicação Social como o Human Watch, Repórteres Sem Fronteira, Open Society Institute, Freedom House, Minsa-Angola, Sindicato dos Jornalistas Angolanos, têm feito relatórios pouco abonatórios sobre o exercício da liberdade de imprensa em Angola. Contudo, o Governo tem afirmado que os jornalistas possuem condições de exer-

de comunicação sob domínio do governo carecem igualmente de pluralismo e independência perante o poder político. Há um peso institucional significativo nos noticiários das rádios e televisão estatais, assim como nas páginas do *Jornal de Angola*. As fontes oficiais monopolizam a maior parte dos espaços midiáticos.

Os debates promovidos pela mídia nem sempre ultrapassam os muros dos corredores do poder ou do círculo político-midiático que estão na base da sua existência, por causa do reduzido número de páginas de cada um dos jornais, de suas baixas tiragens e da precariedade do alcance dos sinais de televisão e rádio em toda a extensão do território nacional. Além disso, a maioria dos angolanos não tem o devido acesso à escolaridade nem à informação e às tecnologias digitais. Os custos dos serviços de telecomunicações e dos computadores em Angola são elevados, há falta de pessoal especializado neste setor e déficit de oferta de eletricidade. No entanto, se os efeitos das atuais disputas políticas não resultam em mudanças expressivas para a maioria da população, a imprensa angolana ainda configura-se como um instrumento relevante de difusão de informações, possibilitando que os cidadãos possam compreender, se inserir e intervir de alguma forma na vida social cotidiana no País e no mundo. Os atuais usos das tecnologias digitais tendem a se constituir como instrumentos relevantes para legitimar suas aspirações e narrar a realidade cotidiana sob outros pontos de vista em sincronia com o desencadeamento de um processo coletivo de descolonização do olhar e das formas de comunicação em Angola e em grande parte do continente africano por parte das populações de diferentes países, como práticas de resistência simbólica aos discursos dominantes dos países mais ricos e desenvolvidos (SALEH, 2010; CARLOS, 2003-04).

Neste contexto, a globalização e o desenvolvimento das TIC representam um grande desafio para Angola na atualidade. Se os avanços tecnológicos permitem a difusão em escala planetária de produtos culturais de países desenvolvidos, também proporcionam a possibilidade de desenvolvimento de canais de comunicação alternativos aos sistemas hegemônicos, abrindo espaço para manifestações culturais locais. A mídia e o jornalismo têm exercido papel importante no registro da memória e da história de Angola, na construção da experiência contemporânea da Nação por meio de suas mediações, tanto nas exaltações utópicas dos primeiros anos da independência nacional quanto no investimento em práticas mais democráticas, articulando ainda discursivamente o futuro socioeconômico, político e cultural do País.

cer livremente a profissão no País.

## Considerações Finais

No exercício de suas mediações, a mídia produz e reproduz com expressiva autonomia as estruturas de poder social, mas o jornalismo não deixa de ser uma forma de conhecimento, um instrumento de mediação de interesses e poderes que constrói sentidos sobre a realidade social cotidiana nas narrativas e nas enunciações dos acontecimentos. Em Angola, a imprensa tem procurado participar da vida pública investindo em seu próprio poder, mas também tem contribuído para a consciência histórica dos angolanos, para uma interação democrática entre diferentes forças políticas em busca de um essencial consenso para o desenvolvimento do País e para o resgate de valores culturais e a integração social. Assim, ao mesmo tempo em que a mídia e o jornalismo legitimam determinados grupos sociais, promovem coesão social e diversidade cultural, o que resulta em uma valorização das identidades angolanas.

No entanto, o aprofundamento da independência nacional, ao contrário de uma conformação econômica e cultural à globalização e aos poderes hegemônicos, impõe investimentos nos setores da educação e da cultura, abrindo perspectivas aos direitos fundamentais de exercício da cidadania e da democracia. O enfrentamento do “universalismo uniformizante” da globalização demanda também novas modalidades de diálogo, tanto em escala nacional quanto regional e local, ou seja, práticas políticas capazes de promover reflexões sobre a cultura angolana historicamente situada na periferia do mundo global, resgatando suas singularidades identitárias em dinâmicas transformações, de modo que o País possa tentar ocupar outros lugares simbólicos na mídia.

A modernização do sistema nacional de comunicação também é necessária para a dinamização dos processos de comunicação como práticas sociais e para uma melhor inserção do País no mercado global. E os atuais desafios da imprensa angolana passam pela afirmação social da profissão e pela recriação dos modos de contar as realidades nacional e internacional. Os jornalistas demonstram uma forte preocupação em enfrentar os desafios da globalização sem perder a *angolanidade*, a singularidade dos valores culturais e das identidades nacionais, tentando investir em formatos e conteúdos noticiosos mais analíticos e contextualizados. A sociedade angolana, por sua vez, tem reivindicado seu reconhecimento como ator social relevante na arena pública, reivindicando outras maneiras de narrar a história do País e de estabelecer relações com o mundo globalizado.

As recentes manifestações nas ruas em todo o mundo e o impacto de novas forças e tendências polí-

ticas que são constituídas nas redes sociais alertam para o esgotamento de modelos tradicionais das práticas midiáticas e do exercício da política, inclusive em Angola. Porém, as redes sociais também têm se organizado como indústria cultural, meio de comunicação e lócus de interação entre os indivíduos. Não por acaso as empresas de comunicação têm investido na modernização de suas estruturas produtivas e nas tecnologias digitais, incrementando as possibilidades de vínculos com os cidadãos e criando mecanismos que tornem viáveis uma participação maior da população nos discursos e nos produtos midiáticos, cientes do poder e do papel da mídia na concretização da autonomia do País.

Angola tem um longo caminho a percorrer para a consolidação da democracia e de uma imprensa mais independente e plural, mas o País já esboça flexibilidade e mobilidade em suas dinâmicas culturais na atualidade, as quais têm produzido outras leituras da sua própria sociedade e do mundo. Os meios de comunicação angolanos tecem consensos, mediando inquietações e contradições, tanto dos poderes dominantes, quanto da população, despertando sentimentos de comunhão e nacionalidade, fatores importantes para a consolidação da angolanidade. Esses dinâmicos processos de comunicação reafirmam a referida categoria substantiva que traduz a experiência histórica dos angolanos, como define Kandjimbo (1990), a qual também pode ser compreendida como a expectativa do exercício de um direito de expressão e de inserção de um País e de um povo no cenário global em outras dimensões.

Este trabalho é uma contribuição para ampliar conhecimentos e sentidos sobre o papel político e cultural do Jornalismo em Angola. Compreendemos que as pesquisas em jornalismo podem se constituir como uma ação política relevante para desvelar realidades e contradições tão próximas quanto distantes de nossa vida social cotidiana no Brasil e de maneira dialógica. Afinal, estudar a mídia e o jornalismo é entender melhor os mundos mediados pela imprensa, produzir e partilhar seus significados.

## Referências

ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. São Paulo: Ed. Ática, 1985.

\_\_\_\_\_. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. S. Paulo: Companhia das Letras, 2008.

- APPIAH, Kwame Anthony. *Na casa do meu pai: a África na filosofia da cultura*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- \_\_\_\_\_. Is the post-in-postmodernism the post-in-post-colonial? In: MONGIA, Padmini (Ed.). *Contemporary Post Colonial Theory- a reader*. London: Arnold, 1996.
- BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- BECKER, Beatriz. Rio + 20: Faces de um acontecimento Global. *Comunicação & Sociedade*, São Paulo: Metodista, v. 34, n. 2, 2013. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/viewFile/3580/3340>>. Acesso em: 30 jul. 2014.
- \_\_\_\_\_. *Brasil 2000: 500 anos do Descobrimento do Brasil*. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ, 2001.
- \_\_\_\_\_. Desafios da profissão, do ensino e da pesquisa em Jornalismo. In: KISCHINHEVSKY, Marcelo; IORIO, Fabio; VIEIRA, João Pedro (Org.). *Horizontes do Jornalismo*. Rio de Janeiro: E-Papers, 2011.
- CARLOS, Albino. *Angolense, Luanda*. (conjunto de textos sobre a comunicação social angolana), 2003-04. Disponível em: <[www.discursomedia.com](http://www.discursomedia.com)>. Acesso em: 28 jul. 2014.
- ERVEDOSA, Carlos. *Roteiro da literatura angolana*. Lisboa: Edições 70, 1979.
- FALABELLA, Márcia Cristina Vieira. América Latina: um continente mestiço. In: \_\_\_\_\_. *Globalismo e localismo na identidade teatral*. Tese de Doutorado em Comunicação, Faculdade de Comunicação, UFRJ, Rio de Janeiro, 2003.
- GARCIA CANCLINI, Néstor. *Culturas Híbridas*. São Paulo: Edusp, 1998.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. SOVIK, Liv (Org.); Tradução Adelaine La Guardiã Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- HACHTEN, William A; SCOTTON, James F. *The world News Prism: challenges of digital communication*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2012.
- HOHLFELDT, C. Antonio. Imprensa das colônias de expressão portuguesa: primeira aproximação. *Comunicação & Sociedade*, São Paulo: Universidade Metodista de São Paulo, n. 51, p. 135-154, 2009.
- KANDJIMBO, Luis. *Apologia de Kalitangi*. Luanda: IN-ALD, 1997.
- LOFFELHOLZ, Martin; WEAVER, David. *Global Journalism Research*. Theories, methods, findings, future. Oxford: Blackwell Publishing, 2009.
- LOPO, Júlio de Castro. *Jornalismo de Angola: subsídio para a história*. Luanda: Centro de Informação e Turismo de Angola, 1964.
- MEDITSH, Eduardo. *O Conhecimento do Jornalismo*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1992.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Tradução de Ronald Polito e Sérgio Alcides. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2003.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús; REY, Germán. *Os Exercícios do Ver*. Hegemonia audiovisual e ficção televisiva. São Paulo: SENAC São Paulo, 2001.
- MATA, Inocência. *Literatura angolana: silêncios e falas de uma voz inquieta*. Lisboa: Mar Além, 2001.
- \_\_\_\_\_. *A literatura africana e a crítica pós-colonial*. Reconversões. Luanda: Nzila, 2007.
- MATELART, Armand; MATELART, Michele. *História das Teorias da Comunicação*. Lisboa: Ed. Campos de Letras, 1997.
- MELO, Jose Marques de. Prefácio. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia (Org.). *Metodologia de Pesquisa em Jornalismo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- MESQUISTA, Mário. *O quarto equívoco - O poder dos media na sociedade contemporânea*. Coimbra: Minerva, 2004.
- PRIGOGINE, Ilya; STENGERS, Isabelle. *A nova aliança*. Tradução de Miguel Faria e Maria Joaquina Machado Trincadeira. Brasília: Editora UnB, 1991.
- RODRIGO ALSINA, Miquel. *A Construção da Notícia*. Trad. Jacob A. Pierce. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

SALEH, Ibraihm. Journalism education in Egypt: politically hazed and socially confused, *In*: JOSEPHI, Beate (Ed.). *Journalismo education in countries with limited media freedom*. NY/USA: Peter Lang Publishing, Inc, 2010.

SILVA, Rosa Cruz e. *O Nacionalismo angolano*. Um projecto em construção no séc. XIX, através de três periódicos: o Desastre, O Pharol do Povo e O Tomate. Luanda, 1997.

SILVERSTONE, Roger. Por que Estudar a Mídia? São Paulo: Edições Loyola, 2005.

STAM, Robert. *Bakhtin, da Teoria Literária à Cultura de Massa*. São Paulo: Ática, 1992.

VASCONCELOS, Leite Algumas reflexões sobre imprensa pós-independência. *In*: RIBEIRO, Fátima; SOPAS, António. *140 anos de imprensa em Moçambique*. Maputo: AMOLP,1996.

Recebido em: 02/02/2015

Aprovado em: 21/04/2015